

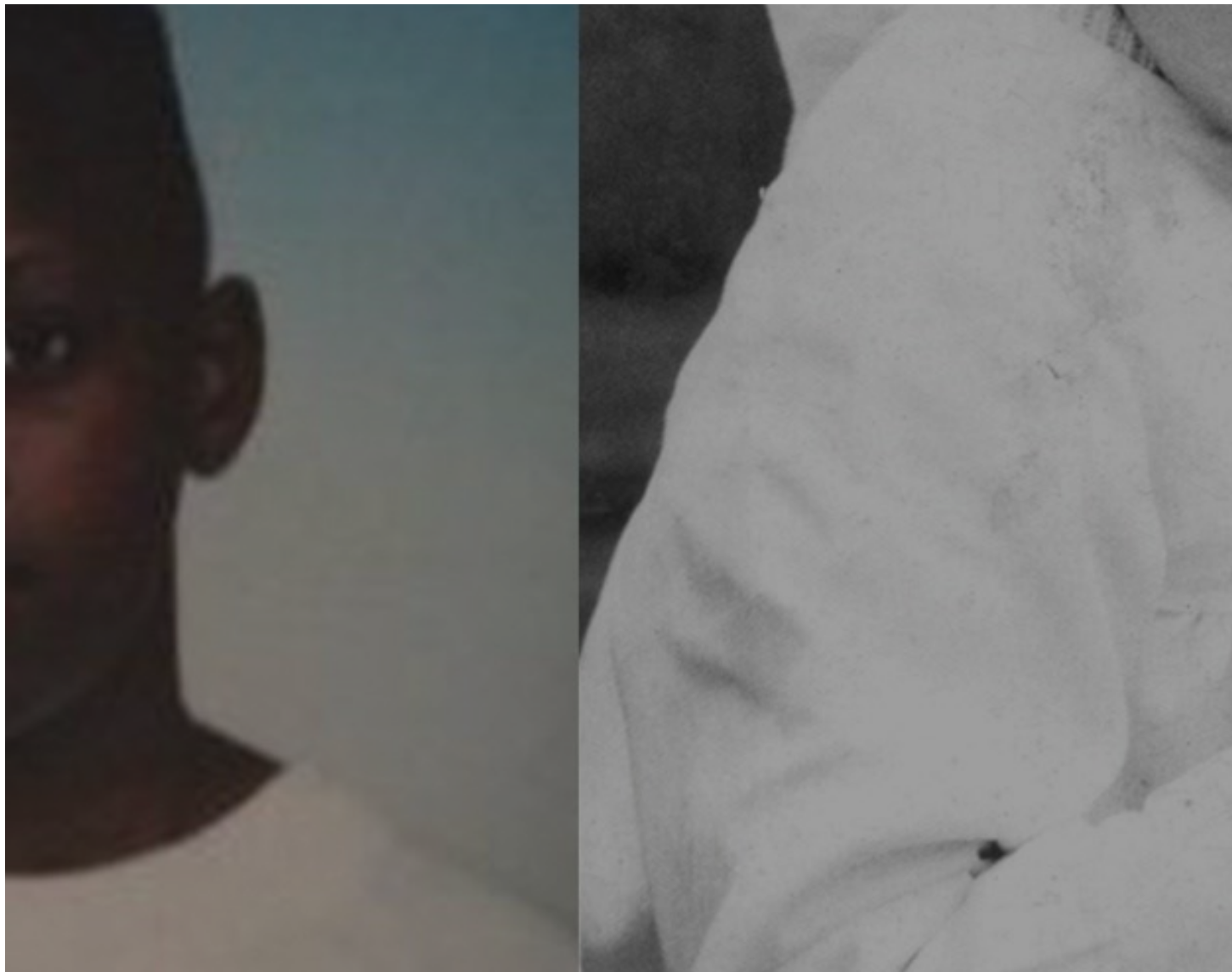
E se cada um reflectisse “sobre a sua infância para chegar à infância do outro”?

Campanha envolve 101 pessoas que de forma pessoal ou profissional estão ligadas à protecção de crianças e jovens, como Álvaro Laborinho Lúcio, Idália Serrão ou Éder Lopes.

Ana Cristina Pereira (texto)

12 de Outubro de 2025, 7:02





Tem a forma de um livro, ou melhor, de dois livros, mas é uma campanha de prevenção de maus tratos a crianças. Intitula-se *O que se passa na infância não fica na infância* e é coordenada pelo psicólogo João Pedro Gaspar e pelo juiz Paulo Guerra.

Aproximavam-se os 50 anos do 25 de Abril de 1974. Puseram-se a pensar em 50 pessoas “pessoalmente ou profissionalmente ligadas à protecção de crianças e jovens e ao seu saudável desenvolvimento”. Pediram-lhes que escrevessem “alguma coisa que as tenha marcado”. Algo que tenha influenciado a sua forma de ver o mundo ou mesmo a sua opção por este ou aquele percurso profissional. Quase todos lhes responderam que sim. E os textos começaram a chegar.

[No meio de uma guerra doméstica

Luís Pinto Fernandes - psicólogo educacional, fundador e coordenador do Projecto bullying.pt (<https://bullying.pt/>) - cedo aprendeu “a que horas a tranquilidade entrava ao serviço lá em casa.” O pai trabalhava por turnos.

Era possessivo, aquele funcionário da Siderurgia Nacional. Não deixava a mulher trabalhar fora de casa. Julgava-se no direito de decidir até a roupa com que ela cobria o corpo. Amiúde, estourava a guerra e sabia-se lá quando ia acabar. Os pais podiam ficar meses sem se falar. Uma vez, ficaram quase um ano, fazendo do filho mensageiro.

Tantas vezes à noite, Luís ia ao quarto dos pais. Havendo zangas, discussões ou mesmo agressões físicas, não descansava enquanto não se certificava de que a mãe estava bem. Ia pé ante pé. Acontecia já não a encontrar na cama, mas no sofá. “Mesmo que por breves instantes, pensava que ela poderia ter cumprido a promessa de sair de casa e, apesar de sempre ter dito o contrário, na minha cabeça com 6 ou 7 anos, poderia acontecer não me levar.”

Acredita que, por ter um pai assim, aprendeu a ser “melhor pai”. “Aprendi a ser mais tolerante, compreensivo e empático por oposição à sua constante intolerância, incompreensão e falta de empatia.”]

O objectivo, esclarece Paulo Guerra (<https://www.publico.pt/autor/paulo-guerra>), é pôr as pessoas a pensar na sua própria infância e no que podem fazer de diferente enquanto pais, avós, tios, padrinhos, amigos da família. “É reflectir sobre a sua infância para chegar à infância do outro”, sintetiza João Pedro Gaspar.

O primeiro volume foi lançado na Assembleia da República a 31 de Maio de 2024, véspera do Dia Mundial da Criança. Durante um ano, João Pedro Gaspar e Paulo Guerra percorreram milhares de quilómetros. Decididos “a contrariar a invisibilidade da adversidade e do trauma vivido na infância”, animaram sessões em Coimbra, Porto, Santarém, Évora, Loulé, Viana do Castelo, Vagos, Seia, Fafe, Machico, Ponta Delgada, Viseu, Leiria, Portalegre, Fundão, Serpa, Sesimbra, Vila Real e Bragança.

Julgam que a mensagem está a passar. Há relatos “impactantes”. Talvez por isso, admite João Pedro Gaspar, (<https://www.publico.pt/autor/joao-pedro-gaspar>) nalgumas sessões, houve na assistência quem quisesse partilhar episódios da sua própria infância.



O psicólogo João Pedro Gaspar e o juiz Paulo Guerra, no dia da apresentação do livro no Porto PAULO PIMENTA

[Convívio forçado

Têm “tons de medo” as memórias mais antigas de Sónia Rodrigues (<https://www.publico.pt/autor/sonia-rodrigues>), psicóloga clínica, supervisora de casas de acolhimento, co-fundadora e presidente da associação AjudAjudar.

Qualquer coisa podia levar o pai dela a exaltar-se. Amiúde, ouvia-o “descarregar” a cólera na mãe. “Eu nunca estava muito longe quando estas discussões aconteciam, mas aprendi a afastar-me do caminho do meu pai, a manter-me escondida e o mais calada possível.”

Às vezes, sobrava para ela. “Podia ser porque eu estava a rir muito alto ou porque estava, na sua opinião, com cara triste sem razão, porque deixava cair um copo no chão, dizia mal uma palavra, deixava um risco prolongar-se do papel para os tacos do chão... Qualquer coisa.”

Salvou-a a mãe. “Sei que é à memória dos abraços da minha mãe que vou buscar a força para avançar pelos corredores da vida. Graças à base segura do seu amor consegui e consigo enfrentar os medos e inseguranças que se cruzam no meu caminho. No entanto, ainda me encolho quando há discussões por perto e precisei de tempo e terapia para aprender a dizer que não, a expressar opiniões contrárias às dos outros e a encarar, de frente, situações de conflito aberto.”

O drama não terminou quando, ia Sônia nos 5 anos, o divórcio se tornou possível para quem se casara pela Igreja Católica. A mãe mergulhou numa depressão profunda. O tratamento ainda envolvia curas de sono e electrochoques. Enquanto esteve internada, Sônia viveu com a avó, outro par de braços salvador. Ninguém lhe explicou aquela ausência. Uma vez decretados os direitos de visita do pai, mais sofrimento. “As primeiras vezes que fui de fim-de-semana para a casa do meu pai, fui aos berros, carregada ao colo por um dos empregados do meu avô. À ansiedade da separação da minha mãe somava-se o terror que sentia pelo comportamento imprevisível e tantas vezes violento do meu pai.”

Talvez por ter passado por tudo isso, se preocupe tanto “com os efeitos psicológicos da separação das crianças da sua família de origem, com as consequências dos maus tratos físicos e psicológicos, com as crianças vítimas de violência doméstica, com a importância da intervenção precoce no meio natural de vida e com os direitos da criança.”]





Sónia Rodrigues, psicóloga clínica, supervisora de casas de acolhimento, co-fundadora e presidente da associação AjudaAjudar DR

“Escrever sobre aquilo que, na nossa vida adulta, é ainda herança, trauma, alegria, fobia ou simplesmente uma memória de infância exige não só capacidade de saber olhar para dentro de nós, como também a vontade de partilhar o que encontramos com os outros”, escreveu o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, no prefácio do primeiro volume. “Saibamos valorizar essa partilha por aquilo que ela significa de apelo para as vidas daqueles que ainda não podem, nem conseguem fazê-lo.”

João Pedro Gaspar lembra-se de uma pessoa com um passado de acolhimento residencial que se viu muito atrapalhada para escrever. E Paulo Guerra de outra que ponderou muito se devia referir o facto de o pai, ainda vivo, não ter cumprido a obrigação de pagar a pensão de alimentos.

A diversidade de género, de idade, mas também socioeconómica, traz *nuance* à campanha. Quando se vê as notícias, nota Paulo Guerra, “as famílias são sempre as mesmas”. “Também há muita disfunção nas famílias mais favorecidas. Também por ali existe muita falta de ternura, muita falta de firmeza, muita falta de bom trato.”

[Vergastadas, reguadas, cabeças no quadro

Álvaro Laborinho Lúcio

(<https://www.publico.pt/2024/03/07/culturaipsilon/entrevista/alvaro-laborinho-lucio-essencia-condicao-humana-caos-nao-norma-2082601>) – juiz conselheiro jubilado e escritor – tinha uma família muito afectuosa. “Quando, na rádio, não havia discos pedidos para a mãe e a avó, hóquei em patins ou ópera para o avô, ou histórias trazidas pelo pai, jogava-se o king, o crapot ou o loto.”

Gostava da escola. “Gostava de ler. Gostava da tabuada cantada em coro. Gostava de jogar ao berlinde no recreio. Gostava de fazer desenhos.” No 3.º ano, “tudo se desmoronou”.

“Então não é que não havia forma de acertar com a colocação exacta da vírgula nas contas de dividir com números decimais?” O professor punha-se ao pé dele com ar ameaçador.

“Para cada erro uma vergastada na orelha.”

Perdeu o gosto pela escola. “Ainda hoje não sei pôr vírgulas nas contas de dividir. Nem quero aprender. Doem-me as orelhas só de pensar nisso. [...] Com uma família como a minha, o que importa aquele professor, tão diferente dos de mais? Não é verdade que foi a família que me

deu a vida e o aconchego essencial para viver? E se não fosse assim?”

Também é da escola que se queixa Idália Serrão

(<https://www.publico.pt/2019/01/04/politica/noticia/socialista-idalia-serrao-renunciou-mandato-deputada-1856630>), que foi violinista, presidente de junta, vereadora, deputada, secretária de Estado. Ou melhor, da sua professora primária, em Almoster, Amadora.

“Tenho bem presente aquela mistura de lágrimas, ranho e giz quando a sua potente mão me agarrava pelos cabelos, sempre bem curtos, e me esfregava a cara no quadro”, escreveu.

“Quanto mais esfregava, mais eu me atrapalhava. Ainda hoje recordo como nos aliviavam os ferros frios das cadeiras depois da mesma nos bater com uma régua escura de madeira.”

Encontrou na família segurança e, munida de sentido de justiça, reverteu aquelas memórias em acções. “Transformei a raiva que tinha à mestra numa convocação inabalável de combate aos maus tratos na infância e na afirmação dos direitos de todos os cidadãos.”]

O próprio Paulo Guerra, que se define como “juiz desembargador, aprendiz de poeta e trabalhador da infância”, partilha uma história de violência escolar. “Uma das maiores atrocidades que me fizeram fazer na cidade de Moçâmedes, em Angola, na década de 60, foi darem-me uma régua para a mão e obrigarem-me a bater com ela na palma da mão de um colega do meu irmão, em turma mais adiantada, que não sabia fazer uma conta ou escrever uma palavra.”

Nunca mais se esqueceu “do som da reguada”, embora esteja convencido de que foi suave. “Tenho tentado expiar tal supremo pecado dedicando-me aos mais pequenos, àqueles que pedem apenas uma chance de existência no futuro, sem violência, seja de que tipo for.”

[Os maus tratos aos outros

O psicólogo Ricardo Barroso (<https://www.publico.pt/autor/ricardo-barroso>) julga que o facto de ser filho de uma professora lhe conferia “uma espécie de escudo invisível”. “Era bom aluno, mas tinha os meus desacertos escolares e fazia as minhas asneiras.” Nunca, porém, foi alvo da ira da sua violenta professora primária.

Ainda o persegue o dia em que uma colega foi chamada ao quadro e não soube responder. “A professora, em vez de a ajudar, ordenou-lhe que fosse buscar o livro e se sentasse junta à sua secretária.” Depois de um breve comentário sobre a matéria, repetiu a pergunta. “A colega responde mal. E então, com grande fúria, a professora deu-lhe uma forte bofetada.”

Não acabou ali. “A colega respondeu mal outra vez e, num ápice, a professora agarrou-a pelos cabelos e bateu-lhe violentamente com a cabeça no livro, várias vezes, enquanto a insultava e lhe gritava que talvez daquela forma ela compreendesse a matéria que estava no livro. Quando finalmente a largou, tinha nas mãos um tufo enorme de cabelo arrancado da cabeça daquela criança de 9 anos.”]

Um segundo volume, com 51 novos depoimentos, foi lançado no dia 25 de Maio, em Coimbra, cidade de Paulo Guerra, juiz desembargador do Tribunal da Relação de Coimbra, e de João Pedro Gaspar, investigador da Universidade de Coimbra. Já depois, estiveram em Lisboa e no Porto. Têm datas em Querença e Vila Real. E não se espantam que os convites continuem a chegar, de várias partes do país.

Os livros também têm infâncias felizes. Como escreveu Manuela Ramalho Eanes no prefácio do segundo volume, há momentos que “lembram a luz dos pirilampos, o cheiro dos bolos e dos assados, falam de um baloiço perdido no tempo, do sentimento de liberdade da rua onde se brincava, do orgulho das raízes”. Algumas são desassossegadas pelo infortúnio alheio.

[Os bons exemplos

Ana Perdigão, responsável pelos serviços de atendimento jurídico do Instituto de Apoio à Criança, conta como a avó paterna, professora primária, “andava de burra pelas aldeias transmontanas a ensinar”. “Levava consigo uma escalfeta e uma cafeteira cheia de café com leite. No intervalo das aulas, quebrada a geada da manhã, chamava quem tinha frio e quem ainda não comera. As crianças aqueciam os pés na escalfeta e bebiam o café com leite ainda quente, partilhando o mesmo copo.”

Ana Rita Alfaiate (<https://www.publico.pt/2025/03/11/sociedade/entrevista/sistema-proteccao-investimento-apadrinhamento-civil-2125395>), professora da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, cresceu a ouvir a mãe, professora primária, a falar, ano após ano, de crianças “que adormeciam entre tarefas porque passavam a noite a descascar batatas nas fábricas das batatas fritas”.

Tudo parecia pior na dureza do Inverno. Com roupas fofas e coloridas, “ouvia com redobrada atenção as histórias de quem tinha de ficar com a roupa interior na primeira hora de aulas enquanto a roupa encharcada secava, num estendal improvisado”. “E adormeciam mesmo assim?”, perguntava. A mãe respondia que sim, claro, “porque a noite tinha sido passada a descascar batatas nas fábricas de batatas fritas”.]

O próprio João Pedro Gaspar teve bons exemplos. “De vez em quando”, o pai levava algum pobre diabo lá para casa. Um dia, a caminho da escola, um deles chamou-o. “Tinha na mão algo para me entregar. Era a carteira do meu pai que este teria deixado cair no caminho-de-ferro.”

Agradeceu a entrega da bolsa, ainda com o recheio intacto. “Senti-me importante por poder guardar durante o dia a carteira do meu pai. Percebi como a gratidão é um bem inestimável. Compreendi que, afinal, dar um banho quente, roupa lavada, conselhos, uma refeição, uma pernoita a quem necessita não é um caso assim tão sério.”

[Para lá da família e da escola, as instituições

Alma Riviera (<https://www.publico.pt/autor/alma-rivera>), que foi deputada na Assembleia da República eleita nas listas do PCP, recua aos 10 anos, à turma do 5.º ano da Escola Roberto Ivens, em Ponta Delgada. “Na minha turma havia vários colegas com dificuldades. Não tinham o material escolar, liam e escreviam com muito esforço, estranhavam o vocabulário. Alguns tinham nitidamente carência alimentar e, sobretudo, falta de acompanhamento e de amor.”

Vânia era uma das meninas com mais dificuldades. Vivia “numa casa de freiras”, à espera da mãe, que fora para a ilha Terceira. Alma Riviera imagina agora que talvez estivesse a cumprir pena de prisão.

Um dia, Vânia apareceu “careca”. “Todas as meninas estimam o seu cabelo. As que têm caracóis querem tê-lo lisinho e vice-versa, mas rapado não.” Ainda pensaram que tivesse cancro. Depois, perceberam que não. “Houve uma infestação de piolhos na instituição onde vivia e as freiras decidiram cortar o mal pela raiz e raparam o cabelo a todos.”

Alma Riviera ficou muito impressionada. “Quando eu tinha piolhos, depois de descobertos naquelas aterroradoras revistas de sala de aula às cabeças, uma vez consumada a vergonha de ser ‘a piolhosa’, ia para casa e a minha mãe perdia horas a aplicar produto e a pentear madeixa a madeixa até não restar uma lêndea. E a Vânia não tinha a sua mamã ao pé, não tinha quem olhasse por ela e para as suas madeixas como merecedoras desse cuidado, desse minucioso e amoroso labor.”]

A resposta residencial continua longe do ideal, embora tenha evoluído muito, primeiro por impulso do escândalo de pedofilia na Casa Pia de Lisboa, depois por impulso do assassinato de Gisberta Salce (<https://www.publico.pt/2024/01/29/p3/noticia/nome-gisberta-viagem-imersiva-vida-marco-nacional-2077799>) às mãos de um grupo de adolescentes, quase todos internados nas Oficinas de São José. E só há uma entidade vocacionada para apoiar a saída, a PAJE - Plataforma (<https://www.publico.pt/2021/12/06/sociedade/reportagem/insercao-jovens-acolhidos-instituicoes-passa-infancia-nao-fica-infancia-1987391>) de Apoio a Jovens (Ex)acolhidos.

É para a PAJE (<https://www.publico.pt/2016/05/27/sociedade/noticia/uma-plataforma-para-facilitar-a-transicao-de-jovens-de-instituicoes-para-a-vida-adulta-1732572>), co-fundada por João Pedro Gaspar em 2016, que revertem os proventos destes livros. “Esta entidade precisa muito de ajuda”, diz Paulo Guerra. “Vive muito da vida deste homem, que anda quilómetros por aí, cuidando dos filhos dos outros. A quantidade de telefonemas que faz ou recebe de pessoas que às vezes precisam dele para dizer: ‘Bom dia, levanta-te.’”

[Superação

Éder Lopes (<https://www.publico.pt/2016/07/10/desporto/noticia/eder-o-povo-portugues-merece-1737899>) tinha 8 anos quando entrou no Lar o Girassol, nos arredores de Coimbra, “com o coração a palpar com uma mistura de ansiedade e uma ligeira esperança”. No princípio, o “menino novo” tudo estranhava. “A adaptação ao novo ambiente, às novas regras, aos novos rostos, tudo requeria uma dose de coragem que desconhecia possuir.”

Com o tempo, aquele tudo foi ficando mais familiar. “Fiz questão de aprender o nome de cada criança e jovem, as suas histórias, os seus sonhos. Estabeleceram-se vínculos, alguns dos quais revelaram-se duradouros. A solidariedade entre nós e a compreensão mútua das nossas lutas forjaram uma família atípica, mas nem por isso menos real.”

Ainda há pouco o jogador de futebol, que se orgulha de ter marcado o golo que deu vitória a Portugal no Europeu de 2016, regressou àquela casa para dar força a quem lá está. “O ‘menino novo’ amadureceu, superou obstáculos e aprendeu a valorizar as pequenas conquistas e os momentos de alegria partilhada.]

Éder Lopes, ex-futebolista DR



Abrir portas onde se erguem muros

Siga-nos

- ✉ Newsletters
- 🔔 Alertas
- f Facebook
- ✕ X
- 📷 Instagram
- in LinkedIn
- 📺 Youtube
- 📡 RSS

Sobre

- Provedor do Leitor
- Ficha técnica
- Autores
- Contactos
- Estatuto editorial
- Livro de estilo
- Publicidade
- Ajuda

Serviços

- Aplicações
- Loja
- Meteorologia
- Imobiliário

Assinaturas

- Edição impressa
- Jogos
- Newsletters exclusivas
- Estante P
- Opinião
- Assinar

Informação legal

- Principais fluxos financeiros
- Estrutura accionista
- Regulamento de Comunicação de Infracções
- Política para a prevenção da corrupção e infracções conexas
- Plano de Prevenção de Riscos de Corrupção
- Relatório de Avaliação Anual 2025 do PPR

Gerir cookies

Ajuda

Termos e condições

Política de privacidade

LIVRO DE RECLAMAÇÕES

EMAIL MARKETING POR



@ 2025 PÚBLICO Comunicação Social SA